

Sergipe - Bahia: DO CONFLITO À IMITAÇÃO

Por Francisco José Alves

Não pense o leitor tratar-se de uma crônica esportiva. Nada disto. Quero, nesta oportunidade, cuidar de outra questão: a relação Sergipe/Bahia no tocante aos antagonismos e as influências culturais.

Em conferência recentemente pronunciada na UFS o prof. José Silvério Leite Fontes destacava que, na constituição da identidade sergipana, a independência de Sergipe da então província da Bahia (1821), representou um momento-chave. Sergipe, então uma comarca da Bahia, se autonomiza e, dentre outras coisas, seu povo e sua elite trabalham na consolidação de uma identidade singular, na construção da sergipanidade. O conflito por motivos de limites, nas primeiras décadas deste século, será ainda um novo tijolo nesta obra. Por conta da contenda, a inteligência histórica sergipana (como a baiana) fez correr muita tinta para convencer da justiça de suas pretensões territoriais. Outro momento-chave na consolidação da sergipanidade através do conflito Sergipe/Bahia.

Um terceiro momento nesta edificação é, sem dúvida, a criação de cursos superiores (sobretudo Direito e Medicina) nas décadas de 50 e 60 deste século. Sergipe, que até aquela época, era forçado a levar os seus "filhos de família" para estudar em Salvador, Re-



cife ou Rio de Janeiro podia agora contar com profissionais formados na terra. Era mais um passo na construção da autonomia cultural do Estado de Sergipe.

Em tempos recentes (década de 80) o conflito Sergipe/Bahia ainda podia ser observado. A presença expressiva de alunos baianos nos cursos da UFS (motivados pela relativa baixa concorrência) expressava-se num diálogo anônimo através de grafites de banheiros. Sergipanos e baianos acusavam-se mutuamente atribuindo-se esterótipos negativos (voltarei a eles noutra oportunidade).

O fato é que se a identidade cultural forjar-se sempre a partir do contraste entre "Nós", e "Eles", a sergipanidade

foi construída sobretudo em relação à "baianidade". A Bahia tem sido nossa alteridade.

Os últimos anos, entretanto, parecem marcar uma mudança significativa na relação Sergipe/Bahia. Se até agora esta ocorreu sob o signo do conflito, alguns fatos recentes apontam para a instauração de uma identificação mimética. A Bahia não é mais o outro do qual Sergipe buscava diferenciar-se. É o outro que Sergipe deseja imitar. Exemplo disto é a invasão da música afro-baiana. E não apenas isto: músicos da terra passam a macaquear temas e ritmos baianos produzindo música "autenticamente" ... Baiana. (É claro que o fenômeno dá-se num contexto nacional de franca expansão da músi-

ca afro-baiana). Muitos nativos da terra já escondem as suas origens e confessam-se baianos. Vide também a "baianização" do carnaval sergipano.

Não advogo o isolamento ou provincialismo cultural. A outra é dinâmica, é espontaneamente transitiva. Ainda, como lembrava a saudosa Margaret Mead, "as diferenças culturais são preciosas e devem ser cuidadas com carinho". Incorporar sim, mas sem renunciar ao repertório autoctóneo.

* Francisco José Alves de ~~Silveira~~ é mestre em antropologia pela Universidade de Brasília e professor do DFH/UFS.